Da contiguidade de obrigados

BOCA DO INFERNO | 17.12.2015 às 9h20 · 15 Comments

A pretexto de estarem mais preocupados com outras questões, os filósofos têm recusado reflectir sobre o problema da contiguidade de obrigados

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

Ilustração João Fazenda

Já não é a primeira vez que acontece. Chegamos ao aeroporto. O motorista do táxi passa-me a máquina para eu marcar o código do multibanco e eu: obrigado. Depois ele recolhe a máquina e eu: obrigado. Logo a seguir ele entrega-me o talão e eu: obrigado. E depois dá-me a factura e eu: obrigado. No fim, deseja-me boa viagem e eu: obrigado. São cinco obrigados num período inferior a 30 segundos. O que deseja ser reconhecimento toma a aparência de zombaria. A educação transforma-se em falta de educação.

A pretexto de estarem mais preocupados com outras questões, os filósofos têm recusado reflectir sobre o problema da contiguidade de obrigados. É mais fácil andar pelas ruas de Atenas a tagarelar com Trasímaco acerca da definição de justiça do que dizer a uma pessoa o que há-de fazer quando uma concentração de agradecimentos subverte a ideia de gratidão. E depois admiram-se que sejam condenados a beber uma tacinha de cicuta.

Na minha opinião, quando confrontada com este tipo de problema, uma pessoa tem três hipóteses, nenhuma das quais completamente satisfatória:

1 - Agradecer apenas uma em cada duas acções. A alternância de agradecimentos com silêncio reduz a frequência dos obrigados, mas cria uma injustiça: certas acções passam sem retribuição. No caso em apreço, eu teria agradecido apenas a oferta da máquina, a entrega do talão e o desejo de boa viagem, e teria deixado sem agradecimento a recolha da máquina e a entrega da factura. Esta conduta produzirá no meu interlocutor uma dúvida: porque é que certas acções são merecedoras de agradecimento e outras não, sabendo que todas são praticadas com o mesmo denodo? Uma inquietação que, com base na minha experiência pessoal, o nosso interlocutor pode querer tirar a limpo com recurso à violência física.

2 - Esperar pelo fim e fazer apenas um agradecimento, talvez referindo que aquele obrigado, embora singular, se destina a agradecer uma pluralidade de acções. Um agradecimento global, digamos assim. No entanto, o facto de não agradecermos cada uma das acções individuais poderá gerar no outro a ideia de que somos malcriados. Isso, por sua vez, levará a que ele vá descurando progressivamente o empenho no serviço – o que, além do mais, fará com que o obrigado final pareça irónico. E conduzir à violência física.

3 - Evitar a repetição de obrigados substituindo sucessivamente a forma de agradecimento por um sinónimo. Obrigado, grato, agradecido, reconhecido, penhorado, e assim por diante. Devo advertir, porém, que este comportamento é um cobertor que tapa a cabeça do ridículo mas descobre os pés da parvoíce, e tem a capacidade de provocar nas outras pessoas uma irritação que, em geral, tem tendência a aplacar-se apenas de uma única forma. Refiro-me a violência física

PALAVRAS-CHAVE

POLÍTICA | ESPAÇO / SITUAÇÃO / DISTÂNCIA | TRASÍMACO

HISTÓRIA DO MUNDO de Andrew Marr
6 LIVROS DE OFERTA COM O EXPRESSO
GRÁTIS CAIXA ARQUIVADORA COM 1.º VOLUME
DE 24 DE SETEMBRO A 29 OUTUBRO
Saiba Mais
Expresso

COMENTÁRIOS

15 COMENTÁRIOS · Visao · Iniciar sessão
Recomendar · Partilhar · Mostrar primeiro os mais votados
Escreva o seu comentário...

[redacted] · há 10 meses
O Ricardo esqueceu-se de, pelo menos, 4 pontos:

4 - Agradecer apenas da primeira vez, evitando as repetições seguintes. É um obrigado que pela sua unicidade reforça o seu valor e nas vezes seguintes a outra pessoa sabe de antemão que já estamos obrigados e como tal não é preciso voltar a dizê-lo. No entanto, pode ser entendido como um "one night thank", em que da primeira vez é só falinhas mansas mas depois de sermos servidos já não vale a pena, o que pode provocar revolta do lado de lá se essa pessoa for mais de relações duradouras. E como se sabe, isto é uma das principais causas de violência física.

5 - Nunca agradecer porque se trata de uma transação comercial, stricktly business: tu dás-me boleia e eu pago-te o serviço. Não é preciso misturar emoções com trabalho. Não há obrigação nenhuma. Simplesmente um condutor aborda outra pessoa na borda da estrada, faz-se o serviço e no final esse serviço é pago com dinheiro. Mas o condutor pode sentir-se usado e do outro lado pode haver uma sensação de poder: eu tenho dinheiro, tu fazes o que eu mando - e isso é algo que normalmente resulta também em violência física.

6 - Sempre que agradecemos (seja quantas vezes for), segue-se um agradecimento réplica do outro lado. No início pode parecer simples cortesia, ora eu agradeci por seu gesto e a boa educação levou o interlocutor a agradecer de volta por meu gesto. Mas ao fim de umas quantas réplicas, pode começar a parecer que a réplica é feita em tom de zombaria para com os nossos repetitivos agradecimentos e, na dúvida se é uma coisa ou outra, mais vale tirar a limpo... com violência física.

7 - A partir de agora, como se levantou esta dúvida filosófica, em vez de "apanhar o taxi" (expressão bem estúpida, mas isso fica para outra altura), decidimos passar a usar os serviços da Uber. No entanto a estória dos obrigados a mais ou a menos nem se coloca, pois ainda vamos a entrar no carro e já o condutor Uber está a ser "pacificamente insultado" por taxistas protestantes. Ora como não há insulto pacífico que o seja por muito tempo, isto acaba tudo com violência física.

Escritos os 4 pontos que faltavam, resta-me dizer obrigado ao Ricardo pelo seu humor, obrigado à Visão por este espaço, obrigado à Disqus pela possibilidade de comentar... espera lá, o que é que... ah, bolas, violência fisifçsflglaçdrfgsedrg arhsidufgsiudfgb sdfgbvirtualsdfg sdfugbnokxjfgnh
3 · Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Quando li esta crónica, há uma semana, foi impossível não me rir e não me identificar.... Há uns meses, a forma efusiva como uma pessoa reagiu a um presente que lhe ofereci fez-me questionar seriamente se não estaria a zombar de mim e da insignificância da coisa. Por outro lado, também tenho o hábito de debitar "obrigada", "com licença" e "desculpe" a torto e a direito – o que é ainda mais frequente em amontoados de desconhecidos... Por último, devo confessar que, a pretexto de agradecer (e apesar de a gratidão ser sincera), já fui extremamente desagradável. Gostava de poder desculpar-me, mas "desculpe" parece ter o mesmo efeito para quem está a ponto de recorrer à violência física... Já não me ria assim com uma crónica há muito tempo.
1 · Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Já na ultima vez que li o seu apelo : liberdade é podermos dizer mal uns dos outros. Constatei que a informação que leio no seu perfil como humorista, ao invés de me fazer rir faz-me quase "chorar" bom mas tentar fazer humor ou graçolas de mau gosto são coisas diferentes ! Agora o titulo deste seu ultimo artigo é realmente a redução drástica do meu Q.I. !!! Contiguidade ?!?!?!! Ah! já sei! Os obrigados são vizinhos uns dos outros, muito juntos "né" ??!?! Se V.Exª. sr. "humorista" diz em contiguidade 5 obrigados (cinco) num simples pagamento leva-me a duvidar, com o devido respeito, da seu "streap -tease" mental ! Mas sabe ? Como eduquei três filhos tenho a "pachorra" , quando posso, de "o ler" mas os obrigados ou os bem haja etc. mesmo quando exagerados , mas nunca mais de 5 para pagar ao sr. táxista ! (que deve ter ficado "assustado" ou então reconheceu-o ....), denotam que alguém se preocupou em educar !
Já sugeri,e espero que tenha sorte, em se candidatar a deputado num qualquer partido dado que todos praticam também o seu tipo de humor !!
2 · Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Se não gostas das crónicas tens bom remédio, não vens cá ora essa, pelo que sei ninguém te obriga...
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
De facto o RAP tem uns leitores muito evoluídos, eles não admitem sequer piadas, rss, só se deve dizer "Obrigado mil vezes RAP!"
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Sim, [redacted], mas também ninguém lia nada escrito por esta pessoa.
Por isso, apanha boleia e vem cá escrever o que quer...e o pior é que nós já lemos!
Todos temos direito a opinar, e este senhor(a) também.
A liberdade é isto: cada um diz, ou escreve a parvoice que bem entente (como é este meu caso)
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Esta gente não entende a diferença entre fazer anúncios, fazer humor televisivo com palmistas, e escrever crónicas!
Mas o Albino Coelho tem toda a razão, estar um homem a dar uma phoda e aparecer alguém a dizer que aquela gaja não presta, é um perfeito desastre. Deveríamos todos bater nas costas do Albino e estimulá-lo "Continue que a gaja é munta boa!
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 9 meses
A minha resposta:

http://gabinete-project.blogsp...
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 9 meses
A minha resposta:
https://www.facebook.com/notes...
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Um burguês, de esquerda, bem instalado, estômago atento aos problemas sociais, tem destas coisas, preocupa-se com o excesso de educação que se pratica num país de recursos tão limitados como o nosso "Vê lá filho, não sejas assim educado olha que o pai tem uma reforma pequena, e fica em estado de penúria moral!"
Principalmente num tempo com tanta educação, os "filósofos deveriam, de facto, preocupar-se com o fenómeno que ameaça alastrar-se. Rss.

Mas se o assunto merece crónica, esperava-se ao menos uma crónica bem desenvolvida.

Mas do que os admiradores de RAP gostam mesmo é de quando ele diz mal de Cavaco Silva, caiem aqui todos a aplaudir, a rir, a rebolar, a agradecer...
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Grazzie.. thanks, merci, danke, gracias.

Muitas mercês
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Por falar nisso, bem-haja (faltava este!), RAP, pela lufada de ar fresco num país sem humor e, cada vez mais, cinzentão... E quem não gostar, paciência... Há muitos que gostam...
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Apraz-me verificar que quem lê artigos destes, escritos ou debitados por este tipo de cronista, tem, salvo melhor entendimento, um nivel cultural acima da baixa média portuguesa. Claro que há sempre a exceção, servindo esta para validar a regra.
Mais informo que é com significativo prazer que leio estes ditos artigos.
Fôra eu (e não fora) católico recorrente e desejar-lhe-ia que deus o guarde, que o tenha de saúde e em boa forma.
Creio que qualquer bancada da casa circense se veria beneficiada com a sua presença, do cronista, claro!
Estou porém certo que o mesmo não desceria assim tanto de nivel, enfiando-se numa vida que lhe roubaria a acuidade visual e mais grave, a cerebral.
Parabéns.
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Coitado dele, deve ter acordado com os pés de fora.....e com "recurso" "conduziu" , "refiro-me à violência fisica".
Extraordinário!!!! Que Maravilha. Antes tivesse acordado com o cobertor a tapar-lhe a cabeça....
Responder · Partilhar ›

[redacted] · há 10 meses
Obrigado
Responder · Partilhar ›

Subscrever · Acerca do Disqus · Privacidade · DISQUS

ÚLTIMAS

BOCA DO INFERNO | 06.10.2016 Ricardo Araújo Pereira
Donald Trumpolineiro

Antigamente, uma pessoa com as ideias e a personalidade de Donald Trump não se candidatava a presidente dos Estados Unidos: tentava matar o presidente dos Estados Unidos

BOCA DO INFERNO | 29.09.2016 Ricardo Araújo Pereira
Eu e os condóminos

Consta no prédio que eu me embriago. Segundo a porteira, os vizinhos não encontram outra explicação para os raciocínios que costumo expender no átrio do prédio, quando me cruzo com eles. É estranho, porque não bebo. O único uso que dou aos copos é encostá-los à parede para escutar as conversas

BOCA DO INFERNO | 22.09.2016 Ricardo Araújo Pereira
O nosso homem em Belém

Este é um livro que parece ter sido escrito por Vítor Le Carré, o primo tantã de John Le Carré

BOCA DO INFERNO | 15.09.2016 Ricardo Araújo Pereira
O feice e o martelo

As redes sociais são a grande vitória ideológica e a grande derrota comercial das revistas cor-de-rosa

BOCA DO INFERNO | 08.09.2016 Ricardo Araújo Pereira
Dai a Centeno o que é de Centeno

E ficou muito claro para todos que o Messias tinha dito "Pagai e não bufai", mas de um modo mais elegante

BOCA DO INFERNO | 25.08.2016 Ricardo Araújo Pereira
Brincar aos reclusozinhos

A justiça, em Portugal, é divina. Nada se assemelha mais ao reino dos céus do que o sistema judicial português: é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar na prisão

BOCA DO INFERNO | 18.08.2016 Ricardo Araújo Pereira
Menina estás à janela pagando mais IMI

Uma empresa que construa barracos à porta de edificações novas e os mantenha até à vistoria pode ser muito interessante para proprietários que desejem vistas feias até à visita do fiscal e bonitas a partir daí. Fica a sugestão de empreendedorismo

BOCA DO INFERNO | 16.08.2016 Ricardo Araújo Pereira
Mais rápido, mais alto, mais ou menos

BOCA DO INFERNO | 07.07.2016 Ricardo Araújo Pereira
Reviver o passado antes de ele passar

Publicamos hoje um texto escrito para a VISÃO de Julho de 2020, que explica aos leitores de 2016 o que aconteceu ao mundo nestes quatro anos, período no qual todos os piores cenários que antecipávamos se foram concretizando. Trata-se de um exercício um pouco absurdo. Felizmente, os leitores destas páginas estão habituados a pior do que isto.

BOCA DO INFERNO | 30.06.2016 às 8h19 Ricardo Araújo Pereira

BOCA DO INFERNO | 07.07.2016 Ricardo Araújo Pereira
Reviver o passado antes de ele passar
Publicamos hoje um texto escrito para a VISÃO de Julho de 2020, que explica aos leitores de 2016 o que aconteceu ao mundo nestes quatro anos, período no qual todos os piores cenários que antecipávamos se foram concretizando. Trata-se de um exercício um pouco absurdo. Felizmente, os leitores destas páginas estão habituados a pior do que isto.

MAIS ARTIGOS

VISÃO APENAS 1€ POR REVISTA · ASSINE JÁ!

fundação edp

maat · ABERTURA OUTUBRO 2016 · Saiba mais →

A INDÚSTRIA PERVERSA DOS ESTÁGIOS
A indústria perversa dos estágios 04.10.2016
CAPA DA VISÃO DESTA SEMANA

NEWSLETTERS VISÃO
SEJA O PRIMEIRO A SABER
- A capa e os grandes temas da revista
- Lazer, cartaz e lifestyle
- Histórias do dia
Introduza o seu email
SUBSCREVER

MAIS VISTAS

1. O mapa mundo que aprendemos na escola é uma farsa
2. Grupo de taxistas no Facebook apela à violência e debate táticas para enganar clientes
3. Oito coisas horríveis que andamos a comer
4. Inter-rail grátis para maiores de 18?
5. Angelina, a estratega
6. Já ficou doente depois de um período de grande stress? A ciência explica
7. O que é que sustenta o desejo numa relação de longa duração?
8. Dicas para escolher o melhor lugar no avião
9. A estranha doença dos pais obcecados
10. A luta de Rúben para voltar a viver sem medo

Expresso · Liberdade para pensar.
Texto